

MAESTRO ELIAS ÁLVARES LOBO~~Cela Maria de Nello Pupo.~~

Nasceu o Maestro Elias Álvares Lobo em Itu, a 9 de agosto de 1834, e foi logo batizado, ^{em casa} evicentemente por correr risco de vida, ~~com antecedência com outro conhecido músico, André da Silva da Cunha, em Lisboa, que, por perigo de vida, foi batizado em casa,~~ recebendo depois os Santos Óleos na sua freguesia (120). Diz o assentamento do pequeno Elias:

"Aos vinte dias do mês de agosto de mil oitocentos e trinta e quatro, nesta Matriz, o Rvdo. Francisco Leite Ribeiro pôs os Santos Óleos ao inocente Elias e foi batizado em casa, por necessidade, pelo Padre Elias do Monte Carmelo, de idade de catorze dias, filho do Juís de Paz José Manuel Lobo e sua mulher Dona Teresa Xavier de Jesus; padrinhos o mesmo Reverendo Elias do Monte Carmelo e Dona Ana Esméria, todos desta Vila" (a) O Vigário Brás Luís de Pina (121).

Tinha Elias, por madrinha de batismo, a sua avó materna. Casou-se em Itu com Elisa Eufrosina da Costa, na mesma vila nascida a 13/1/1839 e batizada a 20, e falecida em Campinas a 26/12, 1883; filha do cirurgião-mór Francisco Mariano da Costa e de Maria Teresa do Monte Carmelo (122); neta paterna de Joaquim Mariano da Costa e de Ana Maria da Costa; neta materna de Antônio Luís Penalva e de Francisca Rosa de Sant'Ana (123). Diz o assentamento:

"Ao 1º de setembro de 1855, nesta matriz, feitas as diligências do estilo, em minha presença e das testemunhas Tristão de Abreu Rangel e Vicente Bernardo de Almeida, receberam-se em matrimônio Elias Álvares Lobo, filho do finado José Manuel Lobo e Dona Teresa Xavier Lobo, e Dona Elisa Eufrosina da Costa, filha de Francisco Mariano da Costa e Dona Maria Teresa, todos desta, de que fiz este assento" (124).

Mas antes de continuar, devo esclarecer:

Sabendo o prefeito municipal de Itu que tinha eu originais para um livro sobre a vida, a obra e a família do maestro, ituano Elias Álvares Lobo, prefaciado pelo professor universitário Odilon Nogueira de Matos - interessou-se pela sua publicação e entendeu-se, nesse sentido, com o então secretário de Estado da Cultura, Deputado Cunha Bueno para a impressão do mesmo.

Fez o Secretário, entretanto, a publicação depender de aprovação do Maestro Ezequias de Carvalho, quem eu só conheço por assistir pela televisão, concertos que se realizam sob sua competente batuta. Esta exigência foi atendida ~~xxix~~ a pedido da própria Secretaria, nos seguintes termos:

2

CERTIFICO E DOU FÉ que nesta Secretaria de Estado da Cultura existe processo nº 01382/82, tratando de assunto referente à Obra do Doutor Celso Maria de Melo Pupo, sobre a vida e obra do Maestro ELIAS ÁLVA - RBS LOBO. As folhas 3 consta documento avaliatório do Senhor Maestro Eleazar de Carvalho, Diretor Artístico e Regente Titular da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, tecendo comentários da mencionada obra, datado de 24 de março de 1982, assim redigido: "É um tratado alentado de pesquisa em profundidade, documentação de forma cabal e exaustiva que se não esgota o assunto, representa uma contribuição significativa para o enriquecimento da musicologia brasileira, tão pobre que é de publicações. Editando a obra, a Secretaria estará cumprindo suas mais altas finalidades culturais." Ass. Eleazar de Carvalho Diretor Artístico e Regente Titular da OSESP. Seção de Arquivo da Secretaria de Estado da Cultura, aos 22 de fevereiro de 1984, MARIA APPARECIDA PRADO.....
Chefe de Seção elaborou, SARAH LIMPO DE ABREU CONCEIÇÃO.....
.....Diretora do Serviço de Comunicações Administrativas conferiu.

Satisfeita a exigência do Deputado Secretário de Estado, aguardei dois anos a publicação que teve, ainda, novo julgamento favorável de uma comissão de três musicólogos nomeados pelo Secretário que substituiu no cargo o Deputado Cunha Bueno. Esperando até 1984, a seguir fui chamado para apresentar uma editora para a co-edição, já que a Secretaria dispunha de verba para sua parte.

Consegui imediatamente a co-editora que, por seu representante, compareceu ao gabinete do Secretário, lá sendo informado de que a verba da Secretaria para tal fim, havia sido destinada a outra publicação. Solicitei, então, a devolução dos meus originais.

Julgo, entretanto, que devo dar ao público o fato, publicando pequeno trecho do trabalho, homenageando o Maestro de Itu, cidade a qual me ligo pelos meus avós maternos, família que nela se fixou em 1704, ~~ou antes~~, vinda de Fenais, freguezia de Nossa Senhora da Luz, ilha de São Miguel, nos Açores, *descendente comprovada dos "Velhos, Itálios, Cabiais, Travassos."*

Ignora-se quais foram os professores de Elias Lobo que, nascido em Itu aí se conservou pela sua meninice e juventude. Tem havido repetidas afirmações de que ele laurio cultura com o Padre Diogo Antônio Feijó, o que foi desmentido pelo historiador da igreja paulista, Monsenhor Paulo Florêncio da Silva Camargo, dizendo: "nada deve

a Feijó; este erro é repetido por todos os seus biógrafos".

E basta ponderar que o Padre Feijó, nascido em São Paulo em 1784 onde residiu até 1802, mudando-se para Parnaíba em 1803 e para Campinas onde, mais tarde, foi professor e senhor de engenho, voltando para São Paulo em 1808 nomeado escrevente de sua Câmara Eclesiástica. Mudou-se para Itu em 1808 até sua eleição para deputado às Cortes de Lisboa em 1821, voltando para São Paulo, onde residiu em sua chácara no bairro da Mooca, sendo então deputado, ministro, regente do reino e senador fixado "na Corte", falecendo em 1843, quando Elias Lobo tinha apenas nove anos de idade.

Sua cultura, entretanto, foi precoce pois, como afirmou Tau-nay que "com menos de 16 anos podia apresentar boa cópia de composições sobretudo clássicas". Elias Lobo viveu para a música que foi toda a sua vida, seu viver de intensa solidariedade humana. Residiu em Itu até 1873 mudando-se para Itatiba e logo depois para Campinas onde residiu até 1887, transferindo-se para São Paulo onde faleceu em 1901, com 67 anos de idade.

Viuvo a 26 de dezembro de 1883, casou-se pela segunda vez na Matriz de Santa Cruz e Nossa Senhora do Carmo de Campinas com Isabel de Arruda, segundo assentamentos:

"Aos 9 de agosto de mil oitocentos e oitenta e quatro, na Matriz desta Paróquia, em minha presença e das testemunhas Antônio Álvares de Lima, Dona Antônia Eufrosina de Andrade Lima, José da Rocha Campos e Dona Gertrudes Leonísia de Barros, receberam-se em matrimônio os nubentes Elias Álvares Lobo e Dona Isabel de Arruda, esta freguesa desta Paróquia, filha legítima de Benedito José Outeiro e de Dona Isabel Ferraz de Arruda; aquele freguês da Conceição, viúvo por óbito de Elisa Eufrosina da Costa Lobo" (a) Francisco de Abreu Sampaio. ~~(1883)~~.

~~Deixou o Maestro, que faleceu a 15 de dezembro de 1901, do primeiro casamento, os seguintes filhos:~~

- 1 - Jerônimo Álvares Lobo
- 2 - Antônio Álvares Lobo
- 3 - Ana Esmeria Lobo
- 4 - José Manuel Lobo
- 5 - Teresa Álvares Lobo
- 6 - Elias Álvares Lobo Filho
- 7 - Paulo Álvares Lobo

Tercer Maestro de seus dois casamentos, teve filhos, dos quais rememoram-se os que dele herdaram o talento musical

Do segundo casamento:

- 8 - Maria do Carmo Álvares Lobo
- 9 - Leão Álvares Lobo
- 10 - Margarida Álvares Lobo
- 11 - Joaquim Álvares Lobo
- 12 - Isabel Álvares Lobo
- 13 - Tarcísio Álvares Lobo.

"Estava escrito que o ano de 1860 ficaria marcado por um acontecimento de singular significado para o teatro lírico nacional: a 14 de dezembro no teatro São Pedro de Alcântara, é levada à cena, pela empresa de Ópera Lírica Nacional, a primeira ópera vazada em assunto regional brasileiro e escrita, tanto o libreto como a partitura, por brasileiros. Era essa ópera "A Noite de São João"; os versos eram de José de Alencar e a música de Elias Álvares Lobo." "Com esse espetáculo, a empresa conquistou definitivamente as simpatias do público" ~~de~~. " Em 1862 estava Elias Lobo designado para levar à cena na Ópera Nacional do Rio de Janeiro, a sua segunda produção lírica "A Louca", conhecida num ~~seu~~ círculo restrito da Corte, pois, em estréia, havia constituido uma serata do Clube Fluminense".

A ópera "A Louca" seria levada à cena pela empresa de Ópera Lírica Nacional, dirigida pelo espanhol José Amat. Nove meses permaneceu Elias Lobo no Rio de Janeiro insistindo pelos ~~seus~~ ensaios que não se realizavam regularmente até que, escreveu ~~em~~ Elias Lobo: "Encontrei o Sr. Amat que, como sempre, aparentando muito boa vontade, propôs-me a execução da "Louca" com artistas que eu não podia aceitar, porquanto na nova distribuição cabiam algumas das primeiras partes a simples coristas. ■ Recusei e então ele declarou-me positivamente que não podia representar a ópera". "Prefiro ceder o campo ao Sr. Amat e voltar para São Paulo, não podendo continuar uma luta improfíqua da qual só resultaria o comprometimento do futuro de meus filhos".

E ainda José Amat caluniou o Maestro, dizendo que ele exigia vantagens pecuniárias, quando ele havia renunciado à qualquer lucro destas representações, assim como fizera a cantora Carlota Milliet que se prontificou a cantar o principal papel, como desejava Elias Lobo, sem qualquer remuneração e em homenagem ao autor da ópera!

Voltando para a "Noite de São João, transcrevemos ~~o~~ " Em julho de 1860 voltou Elias à Corte com sua ópera orquestrada e tratou de representá-la, tendo recebido de D. Pedro II o mais benévolo acolhimento. A companhia da ópera Nacional, então extinta, reorganizou-se ao aparecimento de "A Noite de São João". Foi dada a regência daquela ópera ao seu ilustre irmão de arte, Antônio Carlos Gomes, e a 14 de Dezembro foi pela primeira vez à cena. Seis vezes ~~representada~~ e representada, "A Noite de São João" atraiu em todas elas a mais luzida concorrência e arrancou para seu autor as mais ardentes ovações". ~~de~~

Relata Sacramento Blake sobre o Maestro Elias: "Fundou

em 1863 a sociedade musical Filomela, fornecendo ele as peças precisas, que compunha, e em 1866 a sociedade Orfelina, também musical. Abriu em 1865 uma aula gratuita desta arte, e em 1875 convocou em São Paulo todos os professores dela a um congresso, onde se tratasse de elevar a classe e auxiliar as vocações".

Sobre ainda a "Noite de São João" ~~xxxx~~ Artur Azevedo afirmou: "Dizem que a representação foi um triunfo para o maestro paulista, mas, para repeti-lo, não tenho outra fonte senão a tradição oral, porque a imprensa fluminense naquele tempo era de um laconismo implacável em se tratando de teatro, principalmente o nacional, porque o estrangeiro merecia, em todo caso, um pouco mais de atenção. Essa preferência ainda hoje se manifesta e é, digamo-lo de passagem, uma clamorosa injustiça." "Se a "Noite de São João" triunfou (e eu acredito que triunfasse) Elias Lobo ~~xxx~~ não deveu nada ao libretista imortal; portanto, era um talento que deveria ser aproveitado. Não o foi".

Em 1902, noticiava a imprensa: "No "Compte rendu" do Congresso Internacional de Música, reunido em Paris em 1900, vem entre os nomes dos membros daque ^{la} illustre assembléia, o de nosso finado patrício e músico maestro Elias Álvares Lobo, com a declaração: "professor de música no grupo escolar Maria José, do governo de São Paulo, Brasil". "O extinto professor ofereceu ao ~~xxxxxx~~ Congresso os seus trabalhos musicais e na última sessão, no número dos escolhidos para a respectiva ^{com}missão emitir parecer, figura a Arte de Música em diálogo para uso das Escolas do Estado. Tendo sido tão grande a cópia de trabalhos submetidos à apreciação do Congresso, e vindo a Arte de Música do saudoso maestro, no número diminuto (13) dos escolhidos para serem estudados, é grande a honra para o extinto brasileiro e paulista que viveu da arte em nossa terra". 

~~MAESTRO~~

6

MAESTRO ELIAS ÁLVARES LOBO

O Ituano - O Episódio da Louca - Entusiasmo e Fé - Elias e Carlos Gomes - Campinas - Vida Paulistana - Cronologia e Trabalhos - O Gênio Musical - Notícias e Críticas - Sua Origem Masculina, Os Lannois Principescos - Lobo do Maestro - O Fundador e Governador da Colômbia - A Filha do Fundador e Governador - O Maestro e Sua Família de Músicos.

O Ituano

A 23 de agosto de 1875, passadas as dezessete horas, chegava a Itu o Imperador Dom Pedro II. Sua Majestade, da visão que teve ao entrar o trem na estação da estrada de ferro, registrou em seu diário, "um brilhante recebimento", acrescentando: "já vi à testa de sua música, o Elias Lobo da Noite de São João".

É significativo que um monarca, no seu imenso império do Brasil, tenha tido a sensibilidade de se impressionar e registrar, em seu diário, esta primeira visão da chegada a Itu, a cidade da convenção republicana de 1873, com o "brilhante recebimento" que o devia empolgar como alegria de um triunfo. Mas pasma ter sido acompanhada de minúcia, caracteristicamente humana, de rever um robusto talento, é verdade, mas de modesto professor de música de uma cidade do interior da província, e que, havia quinze anos, Sua Majestade não encontrava. Grande e humano Imperador; mas também grande talento e humano coração do artista!

Descendia o Maestro de ilustres famílias de Portugal, pelo apelido Lobo, vindo para o Brasil em 1679, na pessoa de um governador, como vamos dizer adiante, cuja filha se casou com militar flamengo, de ofício na região de capitânicas do norte do país. Um ramo descendente deste casal, se fixou em Paranaguá onde nasceu o pai do Maestro, José Manuel Lobo (II).

José Manuel, nascido em 1788, ainda vivia em sua vila natal em 1805. Era de estatura ordinária, tinha olhos pardos e cabelos ~~brancos~~ castanhos, talvez herdados dos avoengos da Flandres. Casou-se, pela primeira vez, em São Paulo, a 30 de novembro de 1811, passando a residir em Itu onde foi escrivão da Ouvidoria. Pelo seu segundo casamento, com senhora da velha gente paulista, foi pai do Maestro Elias Lobo, que deixou com seis anos ao falecer em 1840. Homem letrado, o que não era comum naquela época, ocupara cargos de tabelião e escrivão da Ouvidoria, que lhe dava, mesmo sem bens materiais, vasto círculo de amizade nos mais altos níveis sociais da capitania e província.

Das indicações que conseguimos em nossas pesquisas, José Manuel Lobo (II) teve cinco filhos do primeiro casamento e oito do segundo, treze no total, sendo póstumo o último, José Alves da Conceição Lobo, pois nasceu dois meses após o falecimento do pai.

Elias Lobo ficou órfão de pai aos seis anos de idade. Embora se diga que teve instrução administrada pelo Padre Feijó (1), errada é esta afirmativa, pois Feijó, já em 1804, residia em Campinas, vivendo "de ensinar gramática", diz o recenseamento local, e aqui viveu nos anos seguintes, sendo, em 1809, senhor de escravos e de propriedade agrícola. Só em 1810 recebeu Feijó o presbiterato, depois do que permaneceu em Itu, em chácara que possuía junto ao Patrocínio, e na qual foi plantar chá e café, e juntar-se ao chamado grupo de padres do mesmo nome (2), sem deixar o seu engenho de Campinas, que foi entregue à administração de seu grande amigo, Raimundo Álvares dos Santos Prado Leme, engenho anotado nos recenseamentos de 1816 e de 1818, este ano com produção de mil e duzentas arrobas de açúcar (3). Em 1821 era Feijó deputado às Cortes de Lisboa, vida política fora de Itu, que se prolongou até seu falecimento.

Elias Lobo teve sua primeira instrução com elementos de sua terra natal e, tendo por padrinho de batismo o Padre Elias do Monte Carmelo, é possível que o padrinho fosse seu primeiro mestre; nunca, porém, o Padre Feijó, regente do Império quando nasceu o Maestro em 1834, e que não mais voltou a residir em Itu. Parece-nos incontestável que a sua principal cultura na meninice, tenha sido a religiosa, católica, o que sempre revelou, em sua vida e em sua permanente devoção, até falecer.

Bem jovem, Elias Lobo já era um compositor musical. Em suas obras encontramos, do ano de 1854, quando tinha ele vinte anos de idade, a marcha número 14, "A Prisão", enquanto Taunay afirmava que o Maestro, "com menos de 16 anos, podia apresentar boa cópia de composições, sobretudo sacras, sem contar peças para piano e banda". Sua primeira missa foi composta em 1855, pelo moço de 21 anos, ~~Missa~~ e executada pela primeira vez em setembro, na então vila de Tietê. Sua segunda missa foi cantada em Itu, na festa de Nossa Senhora do Carmo, a 20 de junho de 1856; e a terceira a 15 de maio, festa do Espírito Santo, do ano de 1857, ano em que Elias Lobo compôs ainda uma sinfonia para dois violinos, viola, flauta, duas clarinetas, pistom, duas trompas, dois clavins, dois oficlides, dois trombones e dois contrabaixos.

Sobre esta organização de orquestra, comentou Niza de Castro Tank que, "cultura musical brasileira da época, prevalecia a banda de música, evoluindo-se para a orquestra, do que resultava a composição de orquestras com instrumentos de banda. Isto não só se verifica em composições de Elias Lobo, mas, também, ~~xxxxxxxxxxxx~~ em composições de Carlos Gomes e outros.



Elieas Lobo viveu para a sua intensa convicção religiosa e para a música que foram toda a sua vida, lecionando e compondo no seu viver marcado de solidade humana.

Tendo que dar satisfações a seus amigos pela demora na encenação de sua segunda ópera, a Louca, redigiu uma notícia que culpava José Amat, mas não a publicou, publicando uma outra que justificava o atrezo e deixou até a sua própria família acreditar que a não encenação de "A Louca", devia-se a extravio do quarto ato da partitura, o que nunca aconteceu!



Foi-lhe fecundo o ano de 1858, produzindo sua quarta missa, de São Pedro de Alcântara, oferecida ao Imperador e cantada em Itú e, a 12 de dezembro, na capela Imperial do Rio de Janeiro. Compôs também sua primeira ópera, sem pretensões de apresentá-la á ribalta, mas na modesta intenção de exhibi-la em círculos restritos. "Em meados de julho, Elias Álvares Lobo dirigiu-se à Corte com o fito de la fazer representar sua ópera "A Noite de São João". Passando por São Paulo, toca-a ao piano diante de entendidos, num sarao em casa do Sr. Gomide, na rua da Freira" (4), isto em 15/7/1859, e a 19, o "Correio Paulistano" noticiava e apreciava a composição do maestro ituano. "Foi escrita para piano e canto, no periodo de de 28 dias", "para ser cantada em família; mas aplausos que teve em São Paulo e ~~apreciação~~ conselhos de vários amigos, o decidiram a pô-la em orquestra e trouxe-la ao Rio de Janeiro, onde foi executada pela companhia da ópera nacional, a 14 de dezembro de 1860, e mais cinco vezes seguidas, com geral aplauso" (5). Desta ópera o autor extraiu a quadrilha para clarineta, pistom, e ~~trabuco~~ oficlide e trombone.

Venceu Elias Lobo com a sua primeira ópera, peça nacionalista, de costumes nossos, "A Noite de São João", que foi a primeira ópera de autor brasileiro levada à cena no Brasil, apresentada no Teatro São Pedro de Alcântara no Rio de Janeiro, com libreto de José de Alencar, significando o sentir patriótico do seu autor. A ópera foi levada com grande sucesso, sempre regida pelo jovem maestro Antônio Carlos Gomes; ela se abre "pelo coro dos caipiras, em dó maior, com acompanhamento obrigadô de violas. Aqui o sr. Elias Lobo nacionalizou a sua obra, pelo estilo popular e genuíno brasileiro, e verdadeira cor local, quando se trata de dar uma forma aos sentimentos do povo (6).

"Estava escrito que o ano de 1860 ficaria marcado por um acontecimento de singular significado para o teatro lírico nacional: a 14 de dezembro no São Pedro de Alcântara, é levada à cena, pela empresa da Ópera Lírica Nacional, a primeira ópera vazada em assunto regional brasileiro e escrita, tanto o libreto como a partitura, por brasileiros. Era essa ópera "A Noite de João"; os versos eram de José de Alencar e a música de Elias Álvares Lobo. Teve por interpretes, Eduardo Medina Ribas (André, tabelião em São Paulo), Andrea ~~de~~ Marchetti (Carlos, sobrinho de André), Luísa Amat (Inês, filha de André) ~~Luísa Amat (Inês, filha de André)~~ e Carlota Milliet (Joana, velha cigana). Com esse espetáculo, a empresa conquistou definitivamente as simpatias do público (7).

"Muito tempo antes de ser oficialmente aplaudido na Corte, já Elias Lobo merecera dos acadêmicos paulistas uma consagração a seu talento, a primeira que recebeu (6).

10

É certo que o sucesso de sua primeira ópera, incentivou e entusiasmou o jovem Elias Lobo, para que continuasse na especialização operística, tão em voga em todo o mundo culto, já ao alcance dos cariocas, mas só conhecida em trechos isolados pelos ouvintes da província de São Paulo. Três anos depois de "A Noite de São João", 1861, já o moço maestro apresentava sua segunda ópera, "A Louca", em quatro atos, com libreto de Antônio Aquiles de Miranda Varejão, o carioca bacharel em direito pela Academia de São Paulo, e nascido no mesmo ano em que nasceu Elias Lobo; era Varejão, e foi mais tarde, literato, autor dramático com várias produções, cavaleiro da Ordem de Cristo e deputado provincial no Rio de Janeiro (8).

Disse o neto do Maestro Elias, Pelágio Lobo, ao transcrever notas sobre a ópera "A Louca": As partes principais são as de Angelina (soprano): pretendida por Fernando (tenor), filha de Tomé (baixo). Teresa prima de Angelina (2º soprano); capitão-mor Silveira, chefe da quadrilha de salteadores (barítono); tenente Gabriel, salteador (barítono); Nicolau, noivo de Angelina (2º tenor); comandante das guardas (barítono). Coros de salteador, de soldados e de amigos de Tomé. (9)

Desta sua ópera, ~~xxx xxx~~ dedicada à Princesa Isabel e ao Conde d'Eu, e que foi levada, com sucesso, no Clube Fluminense do Rio de Janeiro, tirou o Maestro duas cavatinas, uma com o título "Era Bem Pequena Ainda", e outra impressa, com letra de F. S. Bitencourt, da qual foi doado um exemplar, pela sua parente Zídia Lobo, ao Salão de nome do mesmo maestro em Itu.

Em 1862, estava Elias Lobo designado para levar à cena, na Ópera Nacional do Rio de Janeiro, a sua segunda produção lírica, "A Louca", conhecida num círculo restrito da Corte, pois, em estréia, havia constituído uma serata do Clube Fluminense. ~~xxxxxxxxxxxx~~ Em março instalou-se Elias Lobo no Rio de Janeiro, em constante convívio com José Amat, diretor da Ópera Nacional. A esposa deste, a cantora Luísa Amat, tinha sido a intérprete da maior personagem em "A Noite de São João", e o marido pretendia para ela o principal papel em "A Louca".

Este papel, entretanto, estava composto por Elias Lobo para a voz de Carlota Miliet, que, de primeira figura da Ópera Nacional, se retirou por divergência com José Amat. Mas Carlota Miliet se prontificou a cantar a ópera de Elias Lobo, e sem qualquer interesse monetário, o que enciumou José Amat, transformando-o num empecilho constante para os ensaios de "A Louca", durante os nove meses de labutas do autor para encenar sua obra.

Em 11 de julho, manifestou o Maestro, em carta à sua esposa, as preocupações que o afligiam:

"Elisa - Amanhã às 7 horas da manhã deve chegar o vapor Pedro 2º, e às 11 horas terei de receber cartas; e já terei notícia de vosso estado? já estareis livre desse marmanjo que parece querer fazer sua morada absoluta o vosso ventre? Deus permita que fôsseis muito feliz." (8).

"Os ensaios da Louca vão continuando muito devagar, e raro o dia que estão todos reunidos para estudo. A parte de Angelina está hoje confiada a Dejani, e o de Fernando ao Gentil. Deus permita que não deixe de ir à cena a 29; se houver muita demora, eu vou-me embora e abandono tudo."

19

"Eu tenho graças a Deus gozado saúde, já estou livre da inflamação do rosto".

"Adeus. Saudades aos vossos pais, irmãos, cunhados, sobrinhos e conhecidos. Beijos e abraços em nossos filhos, e eles por mim em vós. Adeus. Vosso Elias" (9).

Meses se passaram, agravando, cada vez mais, a desilusão do maestro ituano.

O Episódio de "A Louca"

Vários autores têm afirmado repetidamente, e descendentes concordaram, que "A Louca" não foi à cena por ter sido roubada a partitura. Pelo que deixou escrito o Maestro, o motivo não foi este, como ele mesmo relatou em manuscrito que não sabemos se foi publicado, mas que foi substituído ou confirmado por outro mais minucioso. Vejamos o primeiro:

"Tendo apresentado ao Sr. José Amat a partitura da minha ópera - A Louca - nos últimos dias de janeiro do corrente, ~~ta~~ a fim de levá-la à cena, e conhecendo hoje o propósito do mesmo sr. em não querer de forma alguma que a minha ópera seja representada, sou forçado a vir perante o público, fazer esta declaração para que juízos, porventura temerários, não se façam a respeito da minha estada já de nove meses nesta Corte."

"Não é a vaidade de autor, nem tão pouco o interesse, que me tem feito esperar tanto tempo que a minha produção seja levada à cena; mas sim por ter tido a honra de dedicá-la a SS. AA. II. com Augusta permissão de S. M. O Imperador, de quem só tenho recebido palavras de animação."

"Entetanto, como ainda é empresário da Ópera Nacional o snr. José Amat que afinal declarou-me não levá-la à cena, sem motivos, unicamente pela sua má vontade, resta-me agradecer a todas as redações que até hoje se interessaram pela minha causa, guardando comigo sempre a convicção de que se a Ópera Nacional não tem levado à cena maior número de produções de autores brasileiros, é isso devido, não a faltar homens que entre nós se dediquem à arte da música, mas sim à direção da mesma Ópera confiada às boas vistas do Snr. D. José Amat."

"Aos meus amigos nesta Corte, ofereço os meus pequenos serviços em Itu, na província de São Paulo, para onde, com brevidade, retiro-me".

"Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1862"

(a) Elias Álvares Lobo (10).

Uma segunda despedida foi escrita pelo Maestro, e está publicada na imprensa da Corte, no jornal de Saldanha Marinho: 12

"Em dezembro próximo passado, quando aqui estive, ~~na~~ Sua Magestade o Imperador designou o dia 25 de março para ir à cena a minha ópera - A Louca - à qual faltava concluir o 4º ato. O Sr. Amat, aceitando o dia marcado, disse-me que escrevesse as duas cenas que faltavam, e por isso parti logo para São Paulo."

"Aí, doente de cama, concluí a ópera, e em janeiro foi ela entregue ao Sr. Amat. por intermédio do Sr. Dr. Varejão. Em março achei-me eu nesta Corte. e, se a ópera não foi executada, minha não foi a culpa".

"Prefixou o Sr. Amat o dia 3 de maio para levar a ópera à cena; não anuí, porque vi que não bastava o tempo, sob pena de má execução; por isso que só se havia feito um ensaio a 5 de abril, sendo eu o ensaiador. Concordamos então em levá-la em meados de maio."

"Neste ínterim foram despedidos a Sra. D. Carlota Milliet e o Sr. Ribas e a ópera continuou fora de ensaios. Propôs-me o Sr. Amat muitas vezes que eu cedesse à Sra. D. Luísa a parte de Angelina; respondi todas as vezes que não, por havê-la eu escrita para a Sra. D. Carlota, e não querer envolver-me em negócios de bastidores. Acrescentei que se a Sra. D. Carlota não aceitasse a parte por obséquio, então desse-a o Sr. Amat a quem lhe parecesse".

"Fui intermediário entre ambos; a Sra. D. Carlota respondeu-me que aceitava a parte para obsequiar-me, e quando tudo parecia marchar a um fim, foi a parte retida àquela artista a pretexto de continuar-se a cópia. Tal cópia não continuou."

"Fizemos dois contratos e ambos formulados no mais pleno acordo, nunca foram assinados pelo Sr. Amat, que a isso se recusou sempre. "

"Resolvi retirar-me; mas o Sr. deputado Dr. Rodrigo Silva não m'o consentiu dizendo-me que se obrigava pelo Sr. Amat, e que a Louca iria à cena. Cheguei a um acordo com o Sr. Amat, e foi marcado o dia 29 de julho para a execução da ópera".

"A 19 de julho procurou-me o Sr. Amat, e disse-me que os Srs. Dr. Araújo e Francisco Manuel queriam falar-me. Fui à casa do Sr. Francisco Manuel, e aí o Sr. Dr. Araújo disse-me que se representaria a Louca com o melhor pessoal, mas que eu não fosse exigente. Respondi que nunca o havia sido, e nessa ocasião declarei que prescindia de qualquer interesse pecuniário. Obrigaram-se então a fazer começar os ensaios para levar a ópera no dia 7 de setembro. Não se fez um só ensaio. Resolveu-se adiar a representação para 25, até 30, desse mês. O mesmo aconteceu."

13

"A 10 de setembro propôs o Sr Amat e foi deliberado que a ópera subisse à cena a 2 de dezembro; ~~xxx~~ soube disso a 11 e desesperado fui buscar a partitura. Comuniquei o ocorrido ao Sr. DR; Araujo, que sempre mostrou-me muito interessado por mim, o qual me respondeu que uma vez que eu não queria tanta demora, iria a ópera à cena até meados de outubro, pelo que empenhou a sua palavra de honra, autorizando-me a participar disso, á Sua a Magqstade o ImperADOR; fui ao paço e Sua Mmagestade, atendendo ao meu pedido, marcou o dia 15 ou 19 de outubro, o que ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ participei ao Sr. Dr. Araújo".

"Para esse efeito só se fizeram dois ensaios de coros".

"A 13 deste, disse-me um amigo do Sr. Amat, e meu também, que decididamente a ópera não iria á cena, segundo ouvira ele em casa daquele senhor. No dia seguinte comuniquei essa notícia ao Dr. Araujo, declarando-lhe que me retiraria; este animou-me e de novo insistiu pela minha aquiescência".

"Encontrei o Sr. Amat que como sempre, aparenrando muito boa vontade propôs-me a execução da Louca com artistas, porém, que que eu não podia aceitar, porquanto na nova distribuição cabiam algumas das partes a simples cOristas. Recusei, e então declarou-me positivamente que não podia representar a ópera".

"Tais são os fatos como eles se passaram. Descobri sempre no Sr AmAT MÀ VONTADE PARA COMIGO; Não entro na x averiguação dos dos motivos de ~~ta~~. Tinha talvez o direito de fsze-lo. Prefiro ceder o campo ao Sr. Amat e voltar para SAÔ Paulo, não podendo continuar uma luta improfícua, da qual só resultaria o comprometimento do futuro de meus filhos";

(A) Elias Álvares Lobo. "Rio, 31 de outubro de 1862" (11)

Até hoje se repetem casos, idênticos que se desenrolam perante nossos viatas, nos quais os hábeis e maliciosos assumem posições com BASES Falças, sem inresse verdadeiro pelo país e pela coletividade, barrando valores que não lhes atendem à cobiça e lhes ameaçam o conceito imerecido. A exposição franca do Maestro Elias Lobo, homem do mais sólido caráter, feita sem artifícios de intenções ocultas, bem define a moral de quem procurou ludibria-lo impedindo seu caminho ascendente.

Mas, como publicou o Maestro, ele "havia declarado" que "prescindia de qualquer interesse pecuniário" (e isto ainda no mês de julho); que ele e o "sr. Amat fizeram dois contratos e, ambos formulados no mais pleno acordo", mas que "nunca foram assinados pelo sr. Amat, que a isto se recusou sempre". Não faltou a calúnia em defesa de Amat, certo que divulgada furtivamente, entre íntimos, para se conduzir pela tradição até cair sob o conhecimento de crítico de hoje, vindo, sem indicar a fonte, repetir a inverdade de que Elias Lobo, por "excessiva avidez pecuniária", impediu que sua ópera, "A Louca", subisse à cena.

Ora, quem conhece a personalidade de Elias Lobo, logo se convence de ser ele homem de caráter e desprendimento, incapaz de perder uma encenação de sua ópera, por "avidéz pecuniária". Contrariamente, ele havia renunciado a qualquer interesse material, como deu conhecimento público. E basta percorrer toda a sua obra e suas execuções, para constatar que não fazia e não executava música em troca de pecúnia, mas, muitas vezes, graciosamente. Vivia ele de ensinar, e isto mesmo em fração de suas atividades. A calúnia é tão grande que se desfaz por si.

A inveja, o despeito, os complexos, ainda hoje vicejam perturbando intenções honestas, utilizando formas maliciosas de exposição, com artifícios que obumbram o julgamento que deles se pode fazer, na cumplicidade da excessiva tolerância (e também ignorância) do brasileiro que não desmascara, de pronto, o cabotino. E considere-se, ainda, que não é honesto comparar a totalidade dos nossos compositores que não tiveram um aperfeiçoamento de cultura musical nos grandes centros europeus de ensino, com um Carlos Gomes que, além de talentoso, bebeu toda a sua técnica artística dos grandes mestres europeus. E Carlos Gomes teve a habilidade de não contrariar José Amat, então o grande senhor na vida operística do Brasil e ávido de dar à sua própria esposa os principais papéis nas encenações líricas, para que ela usufruísse a notoriedade e os proventos financeiros que almejava.

E o que mais surpreende é que Elias Lobo, se na redação de 24 de outubro, não publicada, incrimina José Amat, na do dia 31, publicada, apenas relata fatos como satisfação a seus amigos, evitando repetir em seu Estado, em sua cidade, para íntimos e até para seus filhos, a verdadeira causa de não ser a "Louca" levada à cena - O José Amat - deixando difundir-se o inexistente roubo de partitura. Isto revela seu alto sentimento de caridade para com seu perseguidor e a sua santidade perdoando-o com seu silêncio. Sofreu o Maestro Elias Lobo, por meses, a angustiada expectativa no Rio de Janeiro, amparado pela sua virtude de paciente e confirmado, e sem encenar sua produção despediu-se da Corte e regressou a Itu em novembro.

ciente e conformado, e, sem encenar sua produção, despediu-se da Corte e regressou a Itu em novembro. No ano seguinte, 1863, foi escolhido pela Ópera Nacional, para ir à Europa aperfeiçoar-se, com bolsa paga pelo Imperador. Sem recursos para sustentar a família, esposa e três filhos, solicitou à sua província, à Assembléia Provincial, uma pensão para a família durante sua ausência. Recusaram-na, e Elias Lobo continuou em Itu, lecionando, compondo, executando, com especial dedicação à música sacra. Tinha, então, 29 anos de idade, e contava com vasto círculo de relações entre personalidades de elevada projeção.

Entusiasmo e Fé.

Naquele moço de fé inquebrantável, o ânimo não se abatia. No mesmo ano em que tudo ~~era~~ era contra o seu aperfeiçoamento nos centros mais cultos da música européia, fundou em Itu a "Filomela" (12): "O maestro Elias Lobo, quando ainda residia em Itu, sua terra natal, além da esplêndida orquestra, organizou ali uma banda de música à qual deu o nome de "Filomela". Era constituída por distintos ituanos, hoje falecidos, e não deixa de ser interessante dar aqui os seus nomes e os instrumentos que tocavam: Maestro Elias Lobo, diretor regente; Luís Lobo de Albertim Júnior, flauta; Joaquim Feliciano de Campos, requinta; José Mendes Ferraz, clarineta; Inácio Ferraz Leite Penteado, clarineta; João Leite de Campos Mendes, clarineta; José Álvares da Conceição Lobo, pistão; Pedro Alexandrino Xavier Aranha, pistão; José Mendes Galvão, sax; Francisco Celestino de Miranda Russo, sax; Joaquim Pinto de Moraes, sax; Joaquim Bernardo Borges, sax; Antônio da Silva Teixeira, sax; Braz Carneiro Leão, trombone; Tristão de Abreu Rangel, trombone; Chegário José de Arruda Mendes, bombardino; Francisco Januário de Quadros, bombardino; Carlos Kiehl, bombardão; Feliciano Leite Pacheco Júnior, pratos; João Dias de Quadros Aranha, bombo; José Lobo de Albertim, campainha; Joaquim Floriano de Mesquita Barros, caixa. Muitos desses músicos ocuparam lugares de destaque na governança de sua terra natal, destacando-se o benemérito Juca Feliciano, influente chefe liberal, que era ótimo clarinetista. Foi a "Filomela" considerada uma das melhores bandas de música da província, em nada ficando atrás da famosa Banda dos Permanentes, da Capital".

"Contemporânea da "Filomela" do maestro Elias Lobo, existia em Itu a banda do maestro Macuco, composta de gente modesta: marceneiros, carpinteiros, pedreiros e outros artífices, banda essa que com galhardia ombreava com a "Filomela". Como sempre acontece, nas vilas e cidades onde há duas bandas de música, a do Macuco e a do Exx: Elias Lobo, eram ferrenhas rivais" (13).

Incansável em seu trabalho, compôs o Maestro, em

15

1864, a sua Oratória de Nossa Senhora do Carmo, com coros de anjos, de irmãos terceiros e de povo, e personagens de São Simão Stock e de Santa Teresa, executada com sua quinta missa, composta, no mesmo ano, para a solenidade das festas pela restauração da Igreja carmelitana de Itu.

Era tanto o idealismo de Elias Lobo, que fundou em sua terra uma aula gratuita de música. Não bastavam as inúmeras execuções sem remuneração, não bastava todo o seu trabalho sem lucro, mas pela arte, pela sua religião, multiplicava-se no ensino, na emulação, no transmitir de entusiasmo, marcando, os anos seguintes, com a fundação da Sociedade Orfelina (14), e, em 1867, compondo a sexta missa, "com dois credos", e uma "Três Horas de Agonia", celebrada em Itu pela primeira vez, "terna e piedosa devoção" que, "para esse fim, a pedido do padre Onorati (15), o maestro Elias Lobo escreveu a música para as Sete Palavras, harmonia essa que ainda hoje é executada nessa cerimônia e tida como um verdadeiro primor de suavidade" (16). Em 1872, compôs uma Semana Santa, sobre a qual se proclamou: "o autor, nesta obra, separou-se do estilo seguido pelos outros mestres, procurando traduzir os textos em notas, como se escrevesse uma tragédia lírica" (17).

Sua missa sétima é de 1873, com "grandes solos, concertatos, etc.", escrita para a festa do Bom Jesus a ser realizada em 1º de janeiro seguinte. A oitava missa é de 1874, também do Bom Jesus e para a festa do seguinte ano bom. Compôs mais a Oratória do Nascimento e Circuncisão do Senhor, e a Oratória do Escapulário de Nossa Senhora do Carmo e Santa Teresa, letra de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (II), escrita para dois violinos, duas violas, flauta, duas clarinetas, fagote, trompa, pistão, trombone, oficlido, violoncelo, contrabaixo, tímpane e bombo, com dois coros de anjos, de pastores e camponeses, com as personagens do arcanjo Gabriel, Nossa Senhora e São José.

De encantadora modéstia, viveu para a música que passou a ser uma das faces de sua devotíssima vida religiosa. "Transformou o grande maestro ituano, o seu gênio artístico num campo imenso de apostolado, levando, no macio das sonoridades de suas composições, tantas e tantas almas para o além, para o azul, para Deus. Elias Lobo conhecia o sentido fiel e exato da liturgia católica, apreciava sabiamente o desenrolar majestoso das cerimônias, e por isso mesmo, as suas composições sacras vinham ao sabor de uma fé, capaz de segregar aos ouvidos dos que se acotovelavam nas igrejas, nos dias faustosos das grandes festividades, o sentido dos temas que se desenvolviam no templo" (18).

Sua dedicação ao esplendor do culto, bem se revela em documentos confirmatórios da tradição, cartas que buscavam o seu concurso generoso para as solenidades:

Neste ano de 1876, compôs as suas nona e décima missas que, segundo Sacramento Blake, "são duas menores".

Elias e Carlos Gomes

Sem poder fixar a época do surgimento de uma lenda de inimizade entre os dois maestros, e aos que acolhem tal lenda de ter havido algum estremecimento de amizade entre o Maestro Elias Lobo e o seu colega de arte, Antônio Carlos Gomes, podemos transmitir o fato de ter ouvido, repetidamente, de filho de Elias Lobo, formal desmentido a essa fantasiosa narrativa. Não houve qualquer ressentimento entre os dois talentosos compositores. Sempre foram amigos e, quando Carlos Gomes chegou da Europa depois de sua gloriosa apresentação do Guarani em Milão, e de ter recebido entusiásticos elogios, foi à casa de Elias Lobo, onde executou, ao piano e em presença do Maestro Elias e de seu filho, muitos trechos de sua recente ópera, solicitando, gentilmente, o juízo do seu colega de composição operística.

Os divulgadores da lenda do desentendimento entre os dois compositores, afirmam que a discórdia teve fundamento motivado pelas duas óperas, "A Noite de São João" e "Noite do Castelo"; e que as relações foram reatadas "na estação de Jundiaí"! Mostram desconhecer, por inteiro, as duas óperas, os dois libretos, pois, enquanto "A Noite de São João" seja uma ópera nacionalista, com festa folclórica, quadrilha e mais, com características bem brasileiras, "Noite do Castelo" tem assunto integralmente europeu e se passa em Lisboa em 1250.

Talvez tenha servido de motivo à balela, a repetição da palavra "noite"; em dois títulos que muito se distanciam, mas que permitiram a fantasia transmitida como verdade. E veja-se que as óperas, "A Noite de São João" e "Noite do Castelo"; foram compostas, a primeira em 1858, e a segunda em 1860, quando poderia ter havido o suposto desentendimento entre os compositores. Mas justamente neste ano de 1860, "A Noite de São João"; de Elias Lobo, foi levada à cena seis vezes no Rio de Janeiro, e seis vezes regida por Carlos Gomes.

Se tivesse havido desinteligência, a paz entre eles só se teria restabelecido antes da partida de Carlos Gomes para a Europa, porque, quando ele voltou pela primeira vez, foi logo à casa de Elias Lobo executar trechos do Guarani ao piano. Mas Carlos Gomes partiu para a Europa em 1863, e nesta época não havia estrada de ferro e nem estação em Jundiaí! (25).

Campinas triunfava em todos os setores de sua vida, econômica, social, cultural e artística, ombreando com a capital da província e ameaçando-a de suplantá-la. Riqueza, luxo, viagens de estudos e de lazer, cultura geral e artística, atraindo elementos que vinham aumentar a sua ascensão. E Elias Lobo e sua filha Ana Esméria, constituíram esse elemento de elevação no campo da música, o que não passou sem um registro de professora reputadíssima pela cultura e pelas qualidades reveladas no seu magistério, Josefina Sarmento, cronista de altos dotes:

"Temos, porém, notado que esse gosto, nestes últimos tempos, tem-se, por assim dizer, afinado, ampliado, educado mais, e isto desde que vieram para esta cidade professores como os snrs. Luís de Pádua e Giorgeti, maestro Elias Lobo e outros". "Temos ainda muitas outras pianistas não menos habilidosas, tais como as exmas. sras. dd. Placidina do Amaral, Ana Esméria Lobo, Ana Pinto, Amélia Lacaze, Cecília Almeida, Marciana Mendes e outras. Podemos dizer o mesmo quanto a cantoras distintas. Dentre elas destacam-se as exmas. sras. dd. Adelaide Lopes Gonçalves, Ana Esméria Lobo e Maria Monteiro". "A voz da exma. snra. d. Ana Esméria amolda-se principalmente a composições melancólicas. Então a voz desprende-se-lhe da garganta, suave, terna, dolorosa; é um queixume, uma prece soluçada que faz cismar, inundando-nos a alma de doce tristeza indizível" (26).

E Elias Lobo plasmava na memória dos que o admiravam, a figura do seu talento e a bondade de seu coração. Sua lembrança não se apagava nem mesmo para um soberano. Tinha o Imperador Dom Pedro II, especial zelo pelos talentos e homens de valor; amparava-os e deles não se esquecia, acompanhando-os em suas vidas, como fez com Almeida Júnior que não se utilizou do primeiro apoio recebido do Imperador, e só se aproveitou de pensão paga por Pedro II, em nova insistência deste monarca que o fez seguir em estudos para a Europa. De Elias Lobo sempre se lembrou, como foi noticiado pela imprensa de Campinas, em 1878: "Vimos uma carta escrita do Rio por pessoa fidedigna que na mesma diz que tendo ocasião de falar com o imperador, este perguntou, com muito interesse, pelo nosso conhecido compositor Elias Lobo, lamentando que os paulistas não tivessem em tempo auxiliado esse maestro, na pretensão que manifestou de ir aperfeiçoar seu talento na Europa" (27)

234

Quem deixou também valiosas notas sobre Elias Lobo, foi o jornalista, poeta e delicioso escritor Carlos Ferreira. Em reunião de seus artigos, encontramos crônicas de doce evocação do passado de Campinas, logo após o estabelecimento de Lobo nesta cidade:

"Foi aí, nessa aprazível cidade, que ficamos amigos, que convivemos, que nos tornamos íntimos. Nunca mais deixarei de lembrar, (e com que saudade!) o dia em que pela primeira vez fui recebido no abençoado lar doméstico do exímio maestro.

Era o dia de Natal. Lá se vão certamente uns bons vinte e três anos... Como o tempo voa! (28).

Eu fora convidado para jantar em sua casa, em companhia do "seu povo", segundo sua própria expressão. Vivia ainda a sua primeira consorte, a boa, a carinhosa d. Elisa, tão simples como ele, e tão modesta, não obstante toda a natural fidalguia com que costumava receber os amigos da família, com uma lhaneza e afabilidade incomparáveis, verdadeiramente cativantes!

O jantar correria alegre, muito na intimidade das pessoas presentes, que eram poucas, e nesse número estava o saudoso amigo - o Francisco Quirino, o grande poeta campineiro que a todos encantava com os brilhantes conceitos da sua facúndia inesgotável e com a sua bondade sem limites.

Morava então o maestro na casa onde residira, pouco tempo antes, o amigo Lisboa, onde estivera instalada a "Gazeta de Campinas", (que recordação pungente!) rua Formosa, hoje da Conceição, esquina de Lusitana.

Que deliciosos doces e que música deliciosa todos nós saboreamos e ouvimos nesse dia memorável!

O Elias era incansável ao piano, executando e cantando à meia voz os melhores trechos de sua ópera "A Louca"; e, quando interrompia a execução era para me narrar os episódios emocionantes da primeira fase de sua vida artística, os trabalhos e apoquentações de toda sorte porque passara no Rio para conseguir a exibição da sua primeira partitura - "A Noite de S. João", letra do grande José de Alencar; e as adversidades de que fora vítima

com aquela outra, acima mencionada; a entrevista que tivera com o Imperador, e como lhe falhara a ocasião de ir estudar e aperfeiçoar o seu gênio lá pela poética Itália....

Tudo isto eu ouvia com grande atenção, com profundo interesse, e quando deixei a casa do inspirado compositor, que chegou a ser em certa época digno émulo de Carlos Gomes, eram dez horas da noite. Levava de tudo e de todos uma forte e boa impressão que dura até hoje - suave, benéfica, cheia de atrativos e de encanto.

Que música deliciosa, e que deliciosos doces saboreei eu nesse memorável dia!

---0---

Passaram tempos.

Uma vez, entra-me em casa, muito apressadamente o insigne compositor, revelando na fisionomia o que quer que fosse de preocupações importantes.

Eram duas da tarde.

Fazia intenso calor. O maestro sentou-se, puxou de um lenço que trazia ao pescoço à laia de mantinha para aparar o suor da fronte, enxugou o rosto, assoprou para o ar em sinal de fadiga, e dirigiu-me a palavra:

- Prepare-se para grandes coisas!

-Hein? exclamei eu. Que é que há?

-Você vai escrever um libreto.

-Eu? Ora essa! É coisa em que nunca peguei. Libreto para que? para quem?

-Para mim. Vou escrever outra ópera... Está aqui já.... E apontou solenemente para a testa. Tenho-a toda aqui.

Dei uma risada, confesso que dei. Achei graça no rompante. Uma ópera! e eu a escrever libretos! Ora tinha infinita graça o caso!

O Elias continuou:

Que eu me deixasse de gracejos; a coisa era séria. Ele ia escrever outra ópera... Havia de escrevê-la...e porque não? Havia. Havíamos...

E passou a contar-me o complicado enredo do drama lírico, muito cheio de sentimento, de paixões, de suspiros e ais, e ao fim da narrativa sacou do bolso um papel. Era o esboço do libreto com o título "O Sacrifício de Amor", ópera em 4 atos, e em seguida desfilavam os personagens.

-Oh! homem! Mas eu nunca escrevi libretos! exclamei.

Foi tudo em vão. Não houve razões que o convencessem, e eu tive de me resignar a dizer que sim... que escreveria o drama, mas mediante duas condições essenciais: resumir o título e mudar o nome do protagonista que se chamava Teobaldo, nome de minha

particular embirração.

A ópera devia se intitular simplesmente - "Sacrifício". O personagem chamar-se-ia Oscar.

Não quis. Seria tudo como estava no papel. Não aceitava emendas. Pegou no chapéu e saiu...

Eu peguei em mim e fui dormir à sesta.

Fazia um calor horrível...

Escrevi o primeiro ato do libreto. Céus! ainda me lembro até hoje do titânico esforço que fiz! Gastei dois meses!

Um oceano de versos. Começava assim, o primeiro coro de caçadores:

"Da floresta se alevanta

Divino, intenso rumor:

É a natureza que canta

O hino eterno do amor!".

Seguiam depois as cenas apaixonadas, os diálogos quentes, e eu fui ficando de tal arte possuído da minha missão, que, quando dei acordo de mim, vi que tinha feito nada menos que um colossal poema para fazer dormir dez platéias!

Percebi que o negócio saíra comprido demais, mas... o que estava feito estava feito, como dizia o velho Imperador com relação à República. De resto, eu estava disposto também a ser teimoso. Nada cortaria. Tudo como estava no papel.

Quando fui à procura do maestro e entreguei-lhe o cartapácio, ele, com um ar muito satisfeito, disse-me que depois, com vagar, leria o ato e me diria que opinião formava.

Respirei. Eu tinha medo que ele lesse à minha vista todo aquele interminável aranzel. Era a justa comoção de um estreado bisonho.

Três dias depois, quando me apareceu, vinha sorridente.

Apertou-me a mão, deu-me os parabens.

Que estava maravilhado com tanta fecundidade! Eu não escrevera um ato de uma ópera, mas sim três óperas, a julgar pelo papel ocupado. Todavia, ele não vinha discutir a quantidade, mas a qualidade da coisa...

- Eu não lhe disse? atalhei-o; eu bem lhe disse que não sabia.

Fez-me um gesto e alisou com a mão a basta cabeleira castanha. Que eu esperasse, que o ouvisse primeiro. Os versos estavam bons, mas a música tinha exigências cruéis que muitas vezes transformavam versos certos em versos errados.

E entrou a indicar-me os versos que deviam ser quebrados para se adaptarem à música, as palavras que deviam ser substituídas para não darem lugar a cacofonias; as entranças eufônicas que era de mister arredar, enfim pedia-me uma transformação geral em tudo, e punha-se a contar pelos dedos as sílabas, cantava, via

que ao fim do canto as palavras davam sons horríveis, e concluía, bradando: Impossível; é preciso fazer tudo de novo. O seu verso é que deve caber na minha música e não a minha música no seu verso.

Enfim, para encurtar a história: basta que eu lhes diga que escrevi três vezes o primeiro ato do "Sacrifício de Amor", de maneira que só na terceira vez é que serviu, e isto mesmo com grande custo!

E nisto ficou. Nunca mais escrevi o segundo ato... Quando eu pensava nele via diante de mim um tremendo abismo, e recuava de horror!...

O que lhes posso, porém, garantir, é que a música que ele deixou, feita para o ato escrito, é de um sentimentalismo e de uma docura celestiais. Um verdadeiro mimo!...

---0---

Bom e talentoso Elias!

A esta hora está ele, provavelmente, na mansão dos justos em que tanto punha a sua fé de crente sincero, de espírito piedoso e resignado.

Deixando este mundo onde as suas nobres aspirações de artista não foram compreendidas, e onde viu desfolhadas uma por uma as rosas de suas ilusões, sem que o seu gênio de poeta se revoltasse contra as brutalidades do destino, vocu sorrindo às regiões gloriosas dessa vida de que ele tanto falava...

Agora lá, sentindo-se perfeitamente feliz, continuará a sonhar... a sonhar... a sonhar sempre.

Amparo, dezembro de 1901" (29).

A vida ativa do Maestro continuou no ensino e nas execuções musicais, e em nova edição, de 1882, do seu tratado de ensino, como noticiou a imprensa: "Método de Música - Vimos a última prova da segunda edição do método de música do maestro Elias Lobo, e que está sendo impresso nas oficinas litográficas do sr. Jules Martin, em São Paulo. O seu autor corrigiu alguma coisa nesta edição, bem como aumentou diversas lições e explicações, tornando o método mais fácil para os snrs. professores o explicarem. Na opinião de pessoas competentes este método é o mais apropriado para o estudo da música. Seja, pois, bem vindo esse trabalho" (30). "

"Método de Música - O distinto maestro Elias Lobo ofereceu-nos ontem um exemplar do seu muito conhecido Método de Música, reimpresso agora em 2ª edição. É um trabalho que tem merecido dos entendidos o melhor acolhimento, e isto está provado pelo fato de ter-se esgotado a primeira edição. Acham-se à venda os exemplares em casa do autor, a quem agradecemos a oferta do folheto" (31).

Não faltou o reconhecimento do valor do Maestro Elias Lobo. A mesma imprensa logo depois noticiava: "S. Musical Elias Lobo - Na cidade de Santos foi ultimamente organizada uma sociedade musical a que deram a denominação de Elias Lobo, em sinal de homenagem ao conhecido maestro desse nome e que reside nesta cidade. A escolha do título não podia ser mais acertada por isso que faz lembrar um nome digno por certo de estima de todos. Os fins daquela sociedade são, segundo nos informam, idênticos aos da Carlos Gomes, de Campinas; isto é, proporcionar a seus sócios ensejo de cultivar a arte musical do modo o mais agradável possível" (32).

Do ano seguinte, 1883, é uma importante composição do Maestro, a "Oratória de Nossa Senhora da Conceição", composta para a inauguração da Catedral de Campinas, a 8 de dezembro, noticiada pela "Província de São Paulo":

"Nas cerimônias religiosas do dia oito, o contingente musical foi importantíssimo, e muita gente foi expressamente a Campinas ouvir as novas composições que deviam ser cantadas naquele dia.

Em primeiro lugar a ORATÓRIA de Elias Lobo, escrita para aquela ocasião, peça a grande orquestra, com dois coros de anjos cantados por 50 senhoras; primeiro coro - solo de Maria - pela exma. sra. d. Cândida de Queirós Teles; segundo coro - solo do anjo Gabriel - pela exma. sra. d. Adelaide Lopes Gonçalves, com acompanhamento de harmonium pelos srs. Emílio Giorgetti e Antônio Álvares Lobo; terceiro coro - solo de Maria - pela exma. sra. d. Ana Esméria Lobo; solo de S. José - pelo sr. Jerônimo Lobo".

"Foram mais cantadas na mesma solenidade uma missa de Elias Lobo e uma Ave Maria, solo ao pregador, do mesmo maestro, cantando este solo e os da missa a distinta professora d. Ana Esméria Lobo, soprano de pequeno volume, mas de timbre agradávelíssimo e notáveis recursos de vocalização".

"A Ave Maria de Elias Lobo é um mimo. Inspiração delicadíssima, estilo mais lírico que religioso, doce e límpida melopeia vestindo frases sacras, é peça x de fino-quilate e constitui verdadeira jóia. A ligeira composição foi traçada de um jato, e mimosamente orquestrada. Foi deliciosamente interpretada pela filha do autor, d. Ana Esméria Lobo" (33).

E noticiou a imprensa local: "No dia 8, antes da missa foi executada a grande oratória, música do maestro Elias Lobo e letra do dr. Antônio da Costa Carvalho, produzindo essa composição o mais agradável efeito, pois tomaram parte, além da exma. snra. d. Adelaide Lopes, a exma. snra. d. Cândida de Queirós Teles, e muitas outras senhoras e vários cavalheiros, divididos em grupos, o que fez com que se destacassem magnificamente os solos cantados pelas mensio- nadas senhoras". "A missa oitava do maestro E. Lobo, já por vezes e executada nesta cidade, foi a escolhida para esse dia, completando assim com muito realce a parte da festa. O solo ao pregador, sendo este o sr. Abade de São Bento, cantou-o a exma. snra. d. Esméria Lobo, cuja voz de um timbre muitíssimo agradável é sempre apreciada". (34).

Da Itália chegou um mimo para o Maestro, como publi- cou o jornal "Gazeta de Campinas": "O Maestro Elias Lobo, acaba de receber da Itália, uma nova e linda composição de Carlos Gomes, e por ele enviada para esta cidade. Intitula-se Invocazione e está escrita para mezzo soprano, com acompanhamento de piano. É uma sua- ve melodia, e ^{simples} de muito efeito. Carlos Gomes dedicou essa composição à exma. sra. d. Ana Esméria Lobo, filha daquele seu amigo" (35).

Neste mesmo mês de dezembro, passadas as festas do dia oito, a bondosa esposa do Maestro, depois de ingentes sofrimentos, faleceu no dia 26. Foi sepultada no cemitério da Saudade, onde dois netos a seguiram no sono da eternidade. A "Gazeta de Campinas" números de 27 e 28 de dezembro, noticiou: "Falecimento. Após longos e dolorosos sofrimentos, faleceu ontem nesta cidade a sra. d. Elisa Eufrosina Álvares Lobo, virtuosíssima esposa do maestro Elias Lobo. Esposa e mãe extremosa, era a digna senhora geralmente estimada e gosava do mais sincero respeito de todas as pessoas que a conheciam e cultivavam sua amizade". "Enterro. Deu-se ontem o saimento do cadáver da sra. d. Elisa Eufrosina Álvares Lobo, esposa do maestro Elias Lobo. Na matriz da Conceição foi feita a encomendação acompanhada pela orquestra Sant'Ana Gomes, sendo o féretro seguido até o cemitério por crescido número de pessoas".

Seis meses após, em junho de 1884, patenteou-se de novo o valor do Maestro com a distinção que lhe concedeu o Clube Internacional de São Paulo, na época um dos mais prestigiosos organismos da vida social e cultural do Estado:

"Ilm^o Snr.

A Diretoria do Club Internacional, usando das disposições do art. 4^o § 3^o dos Estatutos que nos regem, pois que reconhecem em V. S^a. o verdadeiro mérito artístico, deliberou em sessão de 6 do corrente, convidá-lo a aceitar o Diploma de Sócio Honorário deste Club.

Esperando que se digne aceitar este convite, junto o respectivo Diploma, e pomos a seu dispor os salões do Club, que nos obsequiará freqüentando-os.

Deus Guarde a V. S^a.

Ilm^o Snr. Maestro Elias Álvares Lobo - Campinas".

De (a) Eduardo Prates - 1^o secretário. Este ofício honroso subscrito pelo futuro e benemérito Conde de Prates, figura de tanto relevo na vida de São Paulo; vem datado de 11 de junho de 1884. Está na coleção do autor.

Completava o Maestro cinquenta anos a 9 de agosto de 1884; neste mesmo dia casou-se com a jovem Isabel de Arruda, filha de conhecidos seus. De sua correspondência se destaca a carta de Dom Joaquim José Vieira, fundador da Santa Casa de Campinas e Bispo do Ceará:

"Fortaleza, 4 de novembro de 1884. Primo Elias.

O longo espaço de tempo interposto à recepção de sua carta e esta resposta, talvez lhe tenha causado estranheza. Mas, sabendo o meu Primo que eu me achava ausente desta capital desde o dia 14 de junho até 20 de Setembro, modificará qualquer juízo desfavorável aos meus sentimentos de amizade para com a sua pessoa e Família.

Recebi a sua carta no Sertão, quando me achava em laborio²⁸sa visita episcopal; li-a com toda atenção e interesse de quem se lembra dos parentes e amigos.

Não estranhei o seu procedimento, casando-se 2^a. vez, é um o caminho que segue o comum dos homens: ou se entregam às orgias, ou casan-se, o seu não podia escapar a um costume geral; felizmente, porém, escolheu o melhor casando-se.

A Família naturalmente se dispersará, porque é muito difícil haver perfeita harmonia entre madrasta e enteados já crescidos como são os seus filhos; entretanto a prudência de sua parte muito concorrerá para o império da paz; a mim incumbe-me o dever de agradecer-lhe a comunicação, e pedir a Deus abençoar o seu novo consórcio, prosperando os seus dias na sua santa graça.

Recebi também uma cartinha do Paulo (36), dando-me notícias da Família; não tenho apreciado o prolongamento da enfermidade de Ana Esméria (37), quer me parecer que a saúde dela ~~depende~~ dependerá também do casamento, não sei se me engano muito.

Escrevi, antes de partir para a minha visita, ao meu Tio Antônio Álvares, ~~xxxxxx~~ não sei se ele recebeu minha carta, pois não acusou seu recebimento.

Finalmente vou concluir, pedindo-lhe me recomende a todos de sua Família, à sua nova consorte, e a todos os nossos parentes de Campinas e Itu.

Accite um abraço saudoso do Seu Primo e Amigo

(a) Joaquim, Bispo do Ceará

P. S. Quando fizer suas orações ao Sagrado Coração de Jesus e as preces de Maria Santíssima, lembre-se do seu Primo e Amigo." (38)

Não se cumpriu a previsão do Bispo; a madrasta, pela sua bondade e paciência, não permitiu as desavenças e se tornou estimada por todos. Seu marido, sempre professor e tendo também como professora de música a sua filha Ana Esméria, deixou Campinas pela capital; filhos homens, do primeiro casamento, se haviam fixado em Campinas, cidade que o Maestro continuou freqüentando como fez no dizer do correspondente jornalista: "Há pouco tempo, por ocasião da festa de Nossa Senhora da Boa Morte, na respetiva capela foi executada uma das suas músicas, fazendo parte do coro diversas exmas. senhoras e assumindo a regência da orquestra o saudoso maestro. Assim parece que se despedia ele para sempre daquele templo onde - católico fervoroso - encontrava no santo nome da padroeira, o bálsamo consolador para os sofrimentos deste mundo" (39).

Já com os filhos Maria do Carmo, nascida e batizada com 16 dias, a 16 de junho de 1885, e Leão, nascido a 27/10 e batizado a 6 de dezembro de 1886, em Campinas, passou o Maestro a residir em São Paulo, a rua Vitória de onde se transferiu para a casa situada à direita da igreja de Santa Cecília, esquina da rua Dr. Abranches. Em São Paulo foi professor de música do Grupo Escolar Sul da Sé e da Escola Modelo Maria José, continuando sua vida no ensino desta arte.

Em 1890, estava o seu filho Paulo na Faculdade de Direito e, em 1893, era voluntário das forças que combatiam a revolta da armada. Ainda em 90, teve o Maestro abalada a sua saúde; em carta de 2 de outubro, dizia a sua filha Ana Esméria ao irmão José, residente em Campinas, onde advogava, assim como o outro irmão, Antônio: "papai tem passado bem incomodado estes dias, e na segunda-feira nos assustou muito com o abatimento em que ele ficou".

Em 8 do mesmo mês, o próprio Maestro dirigia carta ao mesmo filho para informar:

"Eu não passo bem; tive há dois dias uma repetição do desfalecimento que, vos escrevi, tenho sofrido; o Dr. Tibiriçá disse-me que são vertigens do estômago pela debilidade em que me acho, e que pode ser causada pela grande interrupção do iodureto. Que eu tenho pouco sangue e que devo fazer uso do vinho no almoço e jantar, não usando há um ano pela proibição que me fez o Dr. Eduardo, a 4 de outubro do próximo passado ano" (40).

A vida do Maestro em São Paulo, foi ativa na sua arte e nas suas relações sociais, com o elevado conceito de que sempre gozou, e estimado como era pelos seus alunos e amigos, estes numerosos nos meios da recente República e aumentados com as suas convicções republicanas e com as dos filhos, dois dos quais já advogados em Campinas e partícipes ativos da propaganda. Alcançar notoriedade e vasto círculo de amigos, sem sair da modéstia de seus bens materiais, significa a amplitude de qualidades morais.

Uma talentosa memorialista, aluna do Maestro, registrou recordação do tempo em que ele lecionava na capital, ou melhor, na Escola Modelo Maria José, o único, segundo xxxxxxx, xxxxxxxx oficial de professor que xxxxxxx. Relata a paulistana Laura de Oliveira Rodrigo Otávio, tratando da escola que frequentou, a Maria José: "era no Bexiga, bairro distante, povoado por italianos, separado da Vila Buarque pela várzea por onde passa hoje a Avenida 9 de Julho". Ali se cantavam "lindas músicas de autoria do Maestro Elias Lobo" (41).

Outro documento, este de sua vida metódica, em nosso poder, é uma pequena caderneta de anotações de suas despesas, indicativa dos cuidados no equilíbrio de sua vida, nem sempre habitual em artistas. De tais assentamentos, de 1890 aos primeiros meses de 1901 (ele faleceu a 15/12/1901), mês por mês, transcrevemos o ~~xxx~~ de janeiro de 1891, ~~sdsgkjkkkk nnnnnn-xxxx xx~~ o bastante para conhecimento de uma vida modesta e proba, nos últimos ~~anos~~ ~~xxxx~~ do século dezenove:

	Despesas
"Janeiro de 1891	
1 Lavadeira 5\$ e desp. 11\$200 (verduras)	16\$200
2 Lenha 14\$ desp. 2\$ loteria 2\$ Botinas para Aninha	18\$000 10\$000
3 Aluguél da casa	100\$000
4 Criada 24\$ carroto de Bragança 2\$	26\$000
5 Lavadeira Leite durante o mês e desp.	17\$000 16\$000
6 Carniceiro (por conta)	50\$000
7 a 16 Para as despesas	12\$000
17 Café e açúcar (Moka) Farmácia de Fé	31\$000 31\$000
Lenha 14\$ desp. 500 Água	14\$500 7\$500
22 Lavadeira 7\$ desp. 1\$500	8\$500
23 Ao freguês do açúcar Linha e agulhas	22\$000 2\$400
24 Carniceiro - por saldo	65\$000
26 Desp. 5\$ Água ardente 2\$	7\$000
29 Farmácia Normal Calçado para Margarida e Joaquim e babadores (sic)	81\$600 19\$500
Carro e loteria	9\$000
31 Presente para Alice e Isabel Aluguel de casa deste mês Bond neste mês	30\$800 100\$000 <u>7\$800</u>
	703\$200
Receita	759\$000
Despesa	<u>703\$200</u>
Saldo	55\$800

Não encontramos composições do Maestro depois de sua fixação em São Paulo. É possível que se tenha só dedicado ao ensino e, devoto como era, a distribuir as benemerências de seu coração. Tornou-se organista da Igreja de Santa Cecília, da qual foi sempre paroquiano, desde sua criação em 1895, até sua morte. Depois de residir ao lado de sua igreja paroquial, ^{no mesmo ano de 1895} mudou-se, ainda em território da mesma paróquia, para a rua Barão de Tatuí, à esquerda de quem sobe a rua, em casa maior e de vasto quintal, que lhe alugara a Senhora Maria Angélica de Queirós Barros, também paroquiana, e protetora da mesma paróquia.

A sincera religiosidade do Maestro teve de um sacerdote afirmativa de subido valor para apreciarmos sua personalidade: espalhava "em torno de si, amor e luz como fardis". A certa altura da vida, adotou, como piedosa devoção, rezar tantos terços do rosário quantos dias estava tendo de vida. Da contagem destes terços, uma anotação sua chegou a nossos dias, documentando sua piedade mariana (fig 4).

~~(contado)~~

Pela contagem, deveria ter ele iniciado a oração de seus terços, relativamente a seu passado, a começar de seus quinze anos de idade, 9 de agosto de 1849; porém, pela continuidade dos apontamentos, vê-se que estendeu sua oração para a plenitude de seus dias de vida. Anotou também quando, rezando pelo tempo passado, faltava-lhe rezar ainda por "6 anos", e mais "dezenove terços". Mas o curioso é que tomou por base para apurar quantos terços deveria rezar, terminando seus cálculos quando completasse 67^o anos; e foi com esta idade e mais quatro meses de vida, que faleceu. Saberá ele com que idade morreria?

Pode-se concluir que ele tenha rezado tantos terços quantos dias teve de vida, ou sejam 24.582 terços, número que está registrado, por aproximação, em suas próprias notas.

Da intervenção sobrenatural na prática de sua caridade, Afonso Schmidt escreveu uma crônica comovente:

" O maestro Elias Lobo - contou-me um seu sobrinho - ali pelas tantas da tarde, costumava recolher-se ao quarto, fechava-se por dentro e, durante horas, esbragava humildemente as contas do terço. A família, conhecedora de seus hábitos, não o importunava. Mas as criadas, principalmente as recém-entradas para o serviço da casa, não se conformavam com aquilo.

Uma delas, passando certa vez pelo corredor, diante da porta do quarto do maestro, ouviu lá dentro um vivo diálogo. Sentia-se espicaçada pela curiosidade, empurrou a porta, que dessa vez estava apenas cerrada, e entrou. Mas quase caiu de pasmo. Viu o patrão deitado na cama, as mãos cruzadas no peito, a falar sozinho. A lâmpada, que brilhava dia e noite aos

pés de São José, flutuava no espaço. Tinha saído do oratório e, serenamente, pairava no ar como se invisível mão a sustivesse no passeio. Com a aparição da intrusa, a chamazinha voltou ao nicho e o músico se levantou do leito, para dizer, sem vislumbres de censura:

- Nunca mais faça isso. Quando eu estiver conversando com os meus mortos, ninguém deve entrar neste quarto.

Que fazia todas as tardes o notável compositor nas suas conversas com aqueles a quem chamava de seus mortos? Caridade. Sim, caridade. A verdade era que, quando ele deixava o quarto, ia depressa levar o dinheiro e mantimentos a criaturas desamparadas que moravam nos pontos mais distantes da cidade.

Certa vez, por achar-se doente, não quis levar a cabo sozinho uma dessas missões. Por isso, chamou o filho, um rapaz de quinze anos, apanhou o de que precisava e saíram juntos. Andaram cerca de meia hora e chegaram ao centro. Na rua das Flores, esquina de Santa Teresa, os dois encontraram o simpático Padre Chico (42), que ali estava postado à espera de alguém ou de alguma coisa. Eram amigos. No São Paulo daquele tempo, todos conheciam o velho padre e o velho músico.

Vendo-o chegar, seguido pelo rapaz, Padre Chico perguntou-lhe:

- Você também recebeu o aviso?

- Também.

- Pois a casa é aquela...

Depois dessas palavras, o padre, o músico e o rapaz dirigiram-se a um casebre na rua das Flores. A porta e a única janela estavam fechadas. Bateram. Lá dentro nada, nem sinal de vida. Bateram novamente, com mais força e dessa vez tiveram como resposta um gemido. Forçaram a tramela e entraram.

O interior estava escuro e frio. No catre, abandonada, sem forças para erguer-se, para pedir auxílio à vizinhança, uma velhinha paralítica morria à míngua. Vendo-os arregalou os olhos e ajuntou as mãos numa prece.

- Quem lhes contou que eu estava aqui abandonada?

Os dois velhos entreolharam-se e sorriram.

A doente continuou:

- Ha três dias estou aqui morrê-morrendo, sem poder chamar ninguém. Sua visita só pode ser milagre, um milagre do céu..." (43).

Conta o cronista Francisco Mariano da Costa Sobrinho, o que já se conhecia pelo dizer dos filhos, que o Maestro havia pedido a São José, uma casa de morada para sua segunda esposa e suas filhas, depois de sua morte. Enfermo, recebeu a visita de Dona Maria Angélica de Barros, com quem mantinha estreita amizade e de quem era inquilino. Nesta visita, Dona Maria Angélica entregou-lhe a escritura de doação da casa em que residia o Maestro, doação que fazia para a esposa e filhas do Maestro. Ao agradecer, relatou Elias Lobo que se prepararia para a morte, pois havia pedido a São José, há mais de quinze anos, que só o deixasse morrer quando a esposa e as filhas dispusessem de casa para morar. E foi atendido (44).

O Maestro faleceu em São Paulo a 15 de dezembro de 1901, pelas 12 horas e 20 minutos, tendo grande acompanhamento o seu funeral, e numerosas manifestações de pesar pela imprensa do país, em jornais como o Diário Popular, o Correio Paulistano, o Comércio de São Paulo, o Estado de São Paulo, Novidades - da capital do Estado. O Jornal do Comércio, A Notícia - do Rio de Janeiro. O Diário de Santos, o Diário de Minas, o Jornal de Piracicaba, A Comarca de Moji-Mirim, o Diário de Rio Claro, o Comércio de Amparo, a Cidade de Amparo, a Cidade de Itu, a Cidade de Bragança, o Botucatuense, o Correio Católico de Uberaba, a Gazeta de Ouro Fino.

Pelo centenário de nascimento do Maestro, a Corporação Musical União dos Artistas, de Itu, programou e executou atos de homenagens para o dia 9 de agosto de 1934, homenagens oficializadas pelos poderes públicos. Além destes atos, entre os quais constava a inauguração de placa de rua com o nome do Maestro, foi impressa uma poliantéia, na qual colaboradores discorreram sobre ele e características de sua privilegiada personalidade. A capital do Estado e Campinas também o homenagearam com o seu nome em ruas da cidade.

Em 1875, quinze anos depois do fato, Paulo Egídio de Carvalho escreveu ~~o~~ ~~de~~ ~~o~~ ~~de~~ sobre as primeiras encenações de "A Noite de São João".

"Elias Álvares Lobo é uma das mais belas glórias da província de São Paulo". "Apenas na idade de quinze anos, e quando já começavam a assomar os primeiros pruridos do seu bonito talento, Elias viu-se só e desamparado no teatro do mundo, sem uma mão amiga que lhe dirigisse os passos inexperientes, que lhe franqueasse os meios de seguir a carreira literária, que reclamavam suas opulentas faculdades artísticas. Nasceria, porém, artista; nada pôde sufocar-lhe a bonita vocação que já se expandia em fúlgidos clarões."

"De fato, em 1850 começou a fantasiar na rabeça algumas contradanças bem apreciadas, e logo em seguida escreveu muitas quadrilhas, valsas, schottishs, várias músicas para banda, marchas e dobrados, e algumas para igreja, ladainhas, Tantum-ergo e muitas outras. A 1º de setembro de 1856 desposou a D. Elisa Eufrosina da Costa, filha do cirurgião Francisco Mariano da Costa; e nesse mesmo ano compôs a sua primeira missa."

"O apreço que mereceu esta sua primeira composição sacra incitou-o a novos cometimentos neste gênero: escreveu mais quatro, sendo a última a grande missa de São Pedro de Alcântara, dedicada ao sr. D. Pedro II; e geralmente estimada como o seu mais belo primor no gênero. Data ela de 1858."

"Em dezembro deste ano proporcionou o acaso um novo gênero para Elias, o gênero lírico. Encontrando-se nesta capital com o nosso estimável patricio, o sr. dr. Clemente Falcão de Sousa Filho, deu-lhe este notícia do libreto do nosso insigne escritor, o sr. conselheiro José de Alencar, denominado "A Noite de São João", publicado no "Diário do Rio de Janeiro". Apenas o leu, no intervalo de vinte e oito dias escreveu Elias a sua notável ópera do mesmo nome, para piano e canto, com o modesto fim de ser cantada em família." ~~depois disso~~

"A instâncias de amigos seus que o aconselharam a orquestrá-la, Elias deliberou apresentar seu trabalho a José de Alencar e ouvir a sua opinião a respeito. Empreendeu assim, muito em segredo, uma viagem à corte; mas, passando por esta capital, foi descoberto o seu segredo pelo falecido Joaquim Gonçalves Gomide e por alguns moços distintos que então cursavam a Faculdade de Direito, Pinto Moreira (48), Macedo Soares (49), Bitencourt Sampaio (50), Azarias (51) e outros, plêiade brilhante que dirigia nesse tempo o movimento literário da

Academia de São Paulo."

Começaram então seus triunfos artísticos: os jornais desta capital o saudaram nas mais fervorosas expressões, festejando em Elias um distinto maestro paulista."

"Em julho de 1860 voltou Elias à corte com sua ópera orquestrada e tratou de representá-la, tendo recebido de D. Pedro II o mais benévolo acolhimento. A companhia da Ópera Nacional, então extinta, reorganizou-se ao aparecimento de "A Noite de São João". Foi dada a regência daquela ópera ao seu ilustre irmão de arte, Antônio Carlos Gomes, e a 14 de Dezembro foi pela primeira vez à cena. Seis vezes seguida e representada, "A Noite de São João" atraiu em todas elas a mais luzida concorrência e arrancou para seu autor as mais ardentes ovações."

(52).

Em 1890, escreveu Oscar Guanabary pelas colunas de "O País":

"Trinta anos completam-se hoje que, pela primeira vez, foi representada no Teatro São Pedro de Alcântara (antigo Provisório) pela companhia da ópera nacional, da qual era empresário D. José Amate, "A Noite de São João" de Elias Lobo. Foi esta a primeira ópera brasileira, escrita sobre costumes nacionais e música análoga, sendo o libreto do conselheiro José de Alencar.

Em 1861 Elias Lobo escreveu a Louca, libreto do dr. Aquiles Varejão, que tinha de ser representada por ocasião da inauguração da estátua de D. Pedro I, sendo transferida para outra época, até que quando tinhas ele de, por conta do governo, ir à Europa estudar, contando para o mesmo fim com o resultado do seu benefício com a Louca", o que não obteve como relataremos adiante.

E, continuou Guanabary: "assim é que começou a terceira partitura, cujas notas eram bordadas sobre versos de Carlos Ferreira, mas não terminou o trabalho iniciado em 1875, sob o título -Sacrifício de Amor-. Um fragmento dessa ópera, de uma delicadeza real, acha-se incorporado na 12ª das missas que escreveu.

Em 1886 Afonso Celso Júnior prometeu-lhe um libreto, de assunto nacional, que infelizmente não foi levado a termo, que nos conste.

Mas, não se pense que Elias Lobo, forçado pela necessidade, coagido à luta pela vida, desprezasse a inspiração nativa, nas poucas horas de lazer.

Além das duas grandes oratórias, a do Carmo representada em Itu em 1864, e a do Natal, exibida em Campinas em 1883 por

ocasião de se inaugurar a Matriz Nova, o maestro deixou outras peças sacras como a Três horas de agonia, todos os ofícios da semana santa, 13 missas das quais seis a grande orquestra: 4^a, 5^a, 7^a, 8^a, 12^a e 13^a. Dessas a mais popular é a 1^a, a de São Pedro de Alcântara, dedicada ao imperador, e que se divulgou por todo o Brasil (53).

Sacramento Blake, biógrafo e dicionarista, foi quem compôs uma das melhores relações de obras de Elias Lobo, pelo que dele se tem valido a maior parte dos que escrevem sobre o Maestro:

"Fundou em 1863 a sociedade musical Filomela, fornecendo ele as peças precisas, que compunha, e em 1866 a sociedade Orfelina, também musical. Abriu em 1865 uma aula gratuita desta arte, e em 1875 convocou em São Paulo todos os professores dela a um congresso, onde se tratasse de elevar a classe e auxiliar as vocações esparsas para o estudo dos bons métodos, pedindo ao governo uma subvenção para uma aula superior de música e a isenção do sorteio militar para a classe. Foi em 1863 escolhido pelo dêretório da ópera nacional para ir à Europa estudar os grandes teatros; mas sendo casado e não obtendo meios com que sua família pudesse subsistir em sua ausência, não aceitou a distinção, continuando em Campinas a lecionar piano e canto. Escreveu:

Métoda de Música. São Paulo 1876 in 4^o. Segunda edição, São Paulo, 1882..

Missa nº 1 - escrita em 1855 e exibida pela primeira vez na grande festa celebrada em setembro do mesmo ano na cidade de Tietê.

Missa nº 2 - escrita em 1856 para a festa de Nossa Senhora do Carmo; executada a 20 de julho.

Missa nº 3 - em 1857 para a festa do Espírito Santo, executada a 31 de maio.

Missa nº 4 - em 1858 a pedido do conselheiro Antônio Francisco de Paula Sousa. que, ouvindo-a em ensaios, quis que fosse dedicada ao Imperador com o título de missa de São Pedro de Alcântara. Foi cantada este ano na cidade de Itu, e na capela imperial a 1 de dezembro.

Missa nº 5 - em 1864 por ocasião da solenidade feita pela Ordem 3^a. do Carmo na restauração de referida igreja.

Missa nº 6 - escrita em 1867 com dois credos.